


## Memórias escolares: uma proposta de oficinas de arquivo

**André Luiz Nogueira de Sousa** <sup>i</sup> 

Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, RS, Brasil

**Angélica Vier Munhoz** <sup>ii</sup> 

Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, RS, Brasil

**Naiana Kamili Thiel Ramos** <sup>iii</sup> 

Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, RS, Brasil

**Naiane Vargas Nunes** <sup>iv</sup> 

Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, RS, Brasil

**Andressa Caroline Eckhardt** <sup>v</sup> 

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco, Lajeado, RS, Brasil

1

### Resumo

Este artigo apresenta os processos e resultados das oficinas de arquivo desenvolvidas pelo Projeto Brocantes: Palavras e Coisas da Escola, vinculado ao Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço e Movimento (CEM/CNPq/Univates). O estudo teve como objetivo problematizar as relações entre memória, arquivo e educação, investigando como as(os) estudantes arquivam e narram suas memórias escolares. Sob o aporte teórico-metodológico da noção de arquivo de Michel Foucault (2008), o estudo compreende o arquivo como prática discursiva e espaço de produção de subjetividades. A pesquisa realizou oficinas com estudantes do Ensino Médio e da graduação, produzindo 83 textos escritos e 7 registros de notas de campo. O material foi organizado e analisado por meio de grades de leitura inspiradas em Arlette Farge (2009), buscando identificar regularidades discursivas e práticas de arquivamento. Os resultados evidenciam o arquivo escolar como espaço dinâmico de produção de memórias e sentidos.

**Palavras-chave:** Arquivo; Memória escolar; Oficinas de arquivo.

### School memories: a proposal for archival workshops

#### Abstract

This article presents the processes and results of the archival workshops developed by the Brocantes Project: Words and Things of the School, linked to the Research Group Curriculum, Space and Movement (CEM/CNPq/Univates). The study aimed to problematize the relationships between memory, archive, and education, investigating how students archive and narrate their school memories. Based on the theoretical-methodological framework of Michel Foucault's notion of archive (2008), the study understands the archive as a discursive practice and a space for the production of subjectivities. The research carried out workshops with high school and undergraduate students, producing 83 written texts and 7 field note records. The material was organized and analyzed through reading grids inspired by Arlette Farge (2009), seeking to identify discursive regularities and archival practices. The results highlight the school archive as a dynamic space for the production of memories and meanings.

**Keywords:** Archive; School Memory; Archive Workshops.

## 1 Introdução

2

O presente artigo apresenta uma experiência desenvolvida com estudantes do Ensino Médio e da Graduação, a partir de oficinas sobre arquivo de memórias escolares vinculadas ao Projeto Brocantes: palavras e coisas da escola. O projeto iniciou em 2023, conta com apoio do CNPq, está vinculado ao Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM) e ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – Univates, tendo como propósito recolher, digitalizar e produzir um arquivo de documentos escolares desde o início do século XX.

O estudo parte da motivação de compreender as maneiras pelas quais as(os) estudantes significam, selecionam e arquivam suas memórias escolares, bem como de que modo tais práticas podem produzir formas de narrar a si mesmos e à experiência escolar. Nesse sentido, a relevância da investigação reside na possibilidade de pensar o arquivo escolar para além de sua dimensão técnica e documental, compreendendo-o como espaço de produção de memórias, subjetividades e discursos sobre a escola e os processos educativos.

Fundamentado na noção foucaultiana de arquivo (Foucault, 2008), o Projeto Brocantes busca compreender o que produzimos enquanto documentos escolares ao longo de um século, observando regularidades e discontinuidades nos discursos escolares. A partir das contribuições de Foucault (2008) e Arlette Farge (2009), entende-se que o arquivo é sempre lacunar e atravessado por escolhas, silêncios e fragmentos, sendo justamente nessas discontinuidades que emergem outras possibilidades de leitura das fontes documentais.

Ao considerar o arquivo não apenas como acervo de documentos, mas como prática discursiva que permite problematizar as formas pelas quais a memória se materializa, o Projeto Brocantes desenvolveu oficinas de experimentação com estudantes do Ensino Médio e do Ensino Superior. Entre o segundo semestre de 2024 e o primeiro semestre de 2025, foram realizadas oficinas com quatro grupos distintos: dois grupos de estudantes do Ensino Médio de uma escola privada, um grupo de

estudantes do Ensino Médio (curso normal) de uma escola pública, ambas localizadas na região do Vale do Taquari/RS, e um grupo de graduandos de licenciaturas da Universidade do Vale do Taquari - Univates, vinculados ao Programa PIBID. Nessas oficinas, os participantes foram convidados a discutir e escrever sobre os sentidos do arquivamento, suas experiências com documentos escolares e as relações entre memória e materialidade.

3 As oficinas foram ministradas por pesquisadores, bolsistas de pós-graduação (CAPES e CNPq) e bolsistas de iniciação científica da graduação (CNPq, Fapergs e Univates) e do Ensino Médio (CNPq), integrantes do Projeto Brocantes. A partir dos registros produzidos durante as oficinas e das escritas dos participantes, buscou-se analisar os modos pelos quais as(os) estudantes compreendem o ato de arquivar e de que maneira a experiência do arquivo pode constituir-se como exercício de rememoração, subjetivação e produção de narrativas no espaço educativo.

## 2 Metodologia - O arquivo e o Projeto Brocantes

Distanciando-se de modelos metodológicos prescritivos, lineares e replicáveis, a investigação compreende o método não como um conjunto fixo de etapas previamente definidas, mas como um exercício analítico produzido no próprio encontro com o arquivo, os discursos e as materialidades mobilizadas ao longo do estudo. Nessa perspectiva, inspirada em Michel Foucault, para quem “a arqueologia descreve discursos como práticas específicas no elemento do arquivo” (Foucault, 2008, p. 173), não se pretende estabelecer procedimentos universais passíveis de reprodução, mas problematizar as condições de emergência dos enunciados, as regularidades discursivas e os modos de subjetivação que atravessam as práticas investigadas. Assim, os aspectos teórico-metodológicos encontram-se distribuídos ao longo do texto, articulando-se às discussões analíticas e às descrições das oficinas, em consonância com uma abordagem que compreende o percurso investigativo como movimento aberto, contingente e inseparável das próprias operações de análise do arquivo.

Compreender o arquivo para além de seu caráter técnico e documental implica em concebê-lo como espaço de produção de memórias, de subjetividades e de discursos, no qual vestígios materiais de experiências são mobilizados na constituição de discursividades sobre o passado e sobre o presente. Nessa perspectiva, arquivar caracteriza-se como gesto ético e político e é nesse sentido que se insere o Projeto Brocantes - um espaço de recolha, digitalização e catalogação de documentos escolares, que visa construir um repositório digital público, mas também de análise documental no sentido de pensar de que modo o que produzimos no passado nos ajuda a pensar o presente.

Durante esse processo de escolarização são produzidas muitas cartas, anotações, provas, trabalhos, bilhetes e documentos, os quais, na maioria das vezes, acabam sendo esquecidos no tempo, descartados ou até mesmo guardados, porém não mais procurados. Dar visibilidade ao que produzimos e arquivamos enquanto documentos/papéis escolares é o propósito do Projeto Brocantes. Para tal feito, o projeto toma a noção arquivística de Michel Foucault, para quem o arquivo é o que faz com que:

[...] todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas (Foucault, 2008, p. 147).

Na perspectiva de Foucault (2008), o arquivo não é só o que pode ser dito em determinada época, mas também a apropriação disso no presente. Daí decorre que o arquivo não pertence ao passado, mas ao presente e ao futuro. Com o trabalho de arquivo, pode-se dizer que Foucault criou uma nova maneira de operar com os documentos, buscando outros modos de pensar a história.

A partir do prisma de Foucault, o Projeto Brocantes se aproxima do arquivo como método analítico de investigação, por meio de procedimentos arquivísticos que buscam operar com a massa documental reunida. Assim, com a ideia de brocantes - feiras francesas - nos quais se comercializam objetos usados, tais como cartas, cartões-postais, fotografias e documentos pessoais (Munhoz, Wendt e Prá, 2024),

organizam-se feiras (brocantes) para recolhimento e doações de documentos escolares físicos. Ressalta-se que os documentos escolares também podem ser doados de forma digital. De ambas as formas, o recolhimento dos materiais sempre é acompanhado por termos de consentimento que garantem o anonimato dos doadores.

5 Para a realização do processo de arquivamento, os documentos são organizados com base em critérios como ano, número de páginas, nível, curso, instituição de ensino, entre outros, compondo um acervo que, atualmente, possui cerca de 1684 doações, provenientes de 76 doadores. Contudo, arquivar não se resume em somente preservar. Na perspectiva de Aquino e Do Val (2018), o gesto arquivístico implica a produção de narrativas, operando uma montagem que atravessa a materialidade dos documentos. Nesse sentido, o trabalho com o arquivo consiste em uma recomposição tradutória, e jamais uma transposição automática, de um conjunto de acontecimentos verídicos, isto é, que ocorreram historicamente, mas que são reapropriados inteiramente pela ação do documentarista [...]. Trata-se, em suma, de uma operação recriadora da realidade documentada. Uma realidade doravante imaginada (Aquino e Do Val, 2018, p. 45)

Visto isso, este labor arquivístico, requer organizar os vestígios de forma a produzir sentidos, contranarrativas e tensionar evidências, ecoando também na reflexão de Artières (1998), ao considerar que arquivar a própria vida é uma maneira de se constituir e de resistir. Nesse cenário, a proposta do projeto Brocantes aposta no exercício de reviver o esquecido, ressignificando os acontecimentos do cotidiano escolar e permitindo que o arquivo deixe de ser apenas uma instância de conservação para constituir-se enquanto campo de reinvenção dos modos de narrar a escola. Acredita-se que tais fragmentos documentais produzidos no cotidiano escolar, constituem-se como testemunhos de práticas institucionais, bem como de trajetórias singulares, rememoradas quando novamente são colocadas em circulação.

### 3 Resultados e Discussões - Do material analítico

A realização das oficinas resultou em um material produzido por meio de duas ferramentas analíticas: o registro de notas feitas durante as oficinas, pelos bolsistas; a escrita de textos pelos participantes, dispostos e analisados por meio de grades de leituras (Farge, 2009). Esse material totalizou 7 registros de notas e 83 textos escritos. A seguir serão apresentados tais materiais analíticos.

### 3.1 As oficinas por meio das notas de registros

6

As oficinas foram realizadas entre o segundo semestre de 2024 e o primeiro semestre de 2025, envolvendo quatro grupos distintos: dois grupos de estudantes do ensino médio de uma escola privada, um grupo de estudantes de ensino Médio (curso normal) de uma escola pública e um grupo composto por graduandos de licenciaturas, vinculados ao Programa PIBID. Estes últimos participaram de um evento promovido pela referida universidade, que incluiu diversas atividades, entre elas a oficina de arquivo.

A proposta inicial era de que cada grupo participasse de duas oficinas, em continuidade, no entanto, em um dos grupos de Ensino Médio da escola particular isso não foi possível, pois as(os) estudantes estavam envolvidos em outra atividade concomitante, de forma que houve grupos de estudantes diferentes nas duas oficinas oferecidas. Já com os outros dois grupos de estudantes de Ensino Médio - um da escola privada e um da escola pública - foi possível realizar os dois dias de oficina, com continuidade de atividades. Por fim, por questões de agenda, com o grupo do PIBID, foi realizado em apenas um encontro, com duração média de uma hora e trinta minutos, concentrando a oficina na discussão sobre arquivo e processo de catalogação.

Em cada oficina participaram um pesquisador e/ou bolsista de Pós-graduação e dois bolsistas de Iniciação científica (graduação e/ou Ensino Médio), que integram o projeto Brocantes. A organização de cada oficina foi planejada pelo grupo, assim como a orientação das atividades. Para cada oficina, um dos bolsistas de Iniciação Científica ficou responsável por registrar as observações e as falas dos participantes.

De modo geral, as oficinas foram assim planejadas: no primeiro dia, inicia-se com uma breve introdução da noção de arquivo, a partir do texto Arquivar a própria vida, de Philippe Artierès (1998), seguido de algumas indagações: Arquivamos as nossas memórias? O que arquivamos? Por que arquivamos/guardamos algumas coisas e outras não? E as nossas memórias escolares? As guardamos? Onde guardamos? Convida-se, então, as(os) estudantes para um pequeno exercício de escrita, com base na pergunta: como você arquiva as suas memórias escolares? O texto é recolhido e solicita-se aos participantes a assinatura do termo de consentimento para a coleta desse material. Na sequência, apresenta-se a ideia do projeto e os procedimentos analíticos que visam operar a massa documental, destacando o processo de doação, a produção, digitalização, catalogação dos documentos. No segundo dia os participantes conhecem o processo de trabalho com documentos, incluindo a simulação do recebimento das doações, a análise, a digitalização e a catalogação sistemática, além de esclarecimentos para cada grupo sobre o tarjamento e os procedimentos de devolução.

No entanto, é possível perceber que cada encontro se dá de modo diferente, considerando que o grupo de ministrantes era outro, assim como o grupo de estudantes. O intuito de narrar cada encontro, a partir das notas de registros, é exatamente mostrar as variações ocorridas em meio aquilo que se propunha com as oficinas: provocar as(os) estudantes a olharem para as suas memórias escolares; instigar as(os) estudantes a conhecer o trabalho com arquivo.

Para esse artigo, optou-se por narrar os encontros realizados com os quatro grupos de estudantes - três grupos de estudantes de Ensino Médio de duas escolas - uma privada e uma pública, os quais chamaremos aqui: Grupo A (Escola Privada); Grupo B (Escola privada); Grupo C (Escola Pública) e o grupo de estudantes de licenciaturas, bolsistas do Pibid/Univates - Grupo D.

## Grupo A

No primeiro dia de atividades com o grupo de estudantes, os ministrantes apresentaram o projeto Brocantes, questionando as(os) estudantes sobre seu

conhecimento de arquivo. Introduziu-se brevemente a perspectiva de Foucault sobre arquivo, explicando que não corresponde apenas a um processo de armazenamento de documentos, mas de escrutinar, analisar as fontes documentais, de modo a produzir novas remontagens com os materiais. Como se trata de um arquivo de documentos escolares, buscou-se também discutir com as(os) estudantes o que eles produziram enquanto memórias escolares e o que guardaram, onde guardaram, porque guardaram tais papéis, ou não. Posteriormente, os participantes foram convidados a fechar os olhos para ouvir um texto sobre arquivar a vida, a partir do qual relataram suas memórias pessoais. Alguns citaram álbuns de fotos, perda de documentos, lembranças cotidianas da escola. A professora do grupo de estudantes, que estava presente na oficina, comenta guardar camisetas de turmas desde 1997. Em seguida, detalha-se o início do projeto, mencionando as brocantes francesas como referência para o projeto, e explica-se o processo de doação de documentos, incluindo os termos assinados, os tipos de materiais aceitos e as condições para participação. Logo após, apresentou-se algumas fotos antigas de escola, para que as(os) estudantes observassem o que modificou ou permanece igual na escola. Alguns estudantes chamaram a atenção para a diferença entre uniformes antigos e atuais. Como última atividade do encontro, solicitou-se aos estudantes que escrevessem sobre o que arquivam de sua vida e foram convidados a trazer para o próximo encontro, alguns papéis escolares que consideram importantes.

Já no segundo dia, a oficina começou com uma retomada das ideias sobre o projeto. Um dos mediadores questionou se as(os) estudantes haviam entendido a proposta e se trouxeram algum documento para análise, mas a maioria havia esquecido. Em seguida, foram recolhidos os materiais de escrita propostos no primeiro encontro, enquanto se explicava o motivo da solicitação de doações para o projeto e quais documentos seriam digitalizados, exemplificando parte do processo realizado no Brocantes. Depois, foi apresentado um manual de digitalização. Logo após, um dos mediadores detalhou como, por que e de que forma os materiais eram digitalizados, destacando a complexidade do processo. A explicação foi feita passo a passo, mostrando a organização dos documentos por doador, com pastas e subpastas categorizadas por tipo de material—uma organização feita com várias

camadas. Na continuação, os participantes foram então divididos em grupos de cinco para digitalizar os documentos fornecidos, criando registros de doadores, códigos, números de controle, links dos arquivos, descrições, anos, número de páginas, dimensões do documento, classificações, níveis de ensino, tipos de curso, instituições e cidades. Solicitou-se que um integrante de cada grupo fornecesse um e-mail para receber os links da planilha. Os grupos se formaram e começaram as digitalizações, demonstrando familiaridade inicial com a tarefa e poucas dúvidas. Por fim, os ministrantes compartilharam o e-mail e a rede social do projeto para contato futuro e possíveis doações.

9

## Grupo B

No primeiro encontro, os ministrantes das oficinas encontraram as(os) estudantes sentados enfileirados, em silêncio e distraídos com seus celulares. A oficina iniciou com uma explicação sobre o termo de doação e os documentos necessários para o projeto Brocantes. Quando questionados se sabiam o que era um arquivo, todos responderam que não. Como exercício, receberam blocos de notas para registrar ideias sobre o tema, discutir em grupo e depois recolher as anotações. Cada um responde individualmente à pergunta *O que é um arquivo?* e depois debateu em duplas ou pequenos grupos. Percebeu-se que a compreensão sobre arquivos estava muito associada às mensagens de aplicativos. Alguns questionaram o termo de doação e relacionaram o arquivo à memória, justificando que guardar coisas servia para registrar uma memória ou mostrar algo. Alguns estudantes compartilharam experiências pessoais, como uma aluna cuja família guardava seus materiais escolares organizados por ano para acompanhar sua evolução, devido a sua dislexia e TDAH. Ao discutir sobre a percepção de arquivo, surgiram comentários sobre como guardar pode ter conotação negativa, associando ao modo arquivar de um aplicativo de celular. Para ampliar a reflexão, perguntou-se como arquivavam memórias escolares e alguns estudantes comentaram que os pais guardavam alguns de seus documentos, principalmente documentos avaliativos. Em seguida, manusearam documentos doados, surpreendendo-se com pareceres e boletins antigos, que

compararam com os atuais. Surgiram dúvidas sobre doação, como a possibilidade de devolução e forma de retorno dos materiais. No encerramento, debateram o propósito de arquivar e criar um repositório, momento em que um estudante apresentou um aplicativo com função de digitalizar e guardar materiais. Por fim, alguns estudantes destacaram a importância de ter acesso a esses arquivos para pesquisas futuras.

Dias depois, no início do segundo dia de oficina, encontrávamos a sala de aula do mesmo modo, com estudantes sentados em fileiras de carteiras. A atividade começou com atraso após a demora do professor da escola em fazer as apresentações dos ministrantes da oficina. Esses, posteriormente, explicaram o passo a passo de como digitalizar, nomear, criar pastas e arquivar os documentos em um aplicativo de armazenamento, com o apoio de uma estudante que ajudou a cadastrar os e-mails dos colegas para agilizar o processo. Alguns estudantes pediram auxílio para preencher o termo de doação, pois não haviam participado da oficina anterior, mas queriam contribuir com seus documentos. Os grupos interagiram entre si enquanto os materiais eram digitalizados, fazendo comentários acerca dos mesmos. Após o cadastro dos e-mails, as(os) estudantes prosseguiram registrando os documentos na planilha de doadores, usando seus laptops para acessar o arquivo e inserir os materiais digitalizados. Alguns tiveram certa dificuldade em criar e gerar links para migrar as pastas do arquivo. Ao final, alguns estudantes mencionaram a intenção de doar mais documentos para digitalização, com a garantia de que os originais retornassem às suas mãos.

### Grupo C

A primeira oficina ocorreu no período da manhã e contou com a participação de aproximadamente vinte e duas pessoas, além dos ministrantes. As turmas estavam organizadas em semicírculo: de um lado, as(os) estudantes do segundo ano; do outro, as do terceiro ano. Também estiveram presentes as professoras responsáveis pelas respectivas turmas.

A abertura deu-se com a fala de um dos ministrantes. Em seguida, foi realizada a apresentação dos slides, integrados à exposição oral. Nesse momento,

abordou-se a fundamentação teórica que sustenta o Brocantes. Posteriormente, outros ministrantes apresentaram a dimensão prática do projeto. Foram apresentadas as informações referentes ao número de feiras realizadas e ao funcionamento da organização dos documentos, detalhando-se os procedimentos de digitalização, a recolha de materiais, os registos em planilhas e o processo de catalogação. Os slides também continham imagens que ilustravam tais registos.

11

Antes da atividade escrita, desenvolveu-se um momento coletivo de sistematização, no qual se construiu uma espécie de mapa a partir das respostas sobre diferentes formas de arquivar memórias, como em caixas, celulares e gavetas. Na sequência, realizou-se a escrita individual. Cada participante respondeu à questão relativa ao modo como arquiva seus documentos e memórias escolares. Após a produção dos textos, promoveu-se o compartilhamento em roda, quando cada pessoa leu o que havia escrito, seguindo a ordem de classe.

Posteriormente, no segundo dia de oficina na mesma classe, os ministrantes organizaram duas ilhas de trabalho, uma com laptops - o grupo de catalogação, e outra sem - os responsáveis pela digitalização. Após as boas-vindas, explicaram que as(os) estudantes seriam divididos em grupos para digitalização e arquivamento. Conforme chegavam, os participantes escolhiam onde se acomodar. Os passos das atividades foram escritos no quadro, enquanto um ministrante auxiliava na digitalização e outro orientava o grupo da digitalização e catalogação. Durante as atividades, os grupos realizaram algumas discussões. No grupo de digitalização, um participante encontrou o boletim de sua mãe, ex-estudante

do colégio. Outros comentaram sobre documentos antigos, como uma história curiosa ou uma prova demorada. Uma estudante comentou que a colega seria arqueóloga por demonstrar tanta curiosidade, enquanto outra reclamou do cansaço nos braços, durante o processo de digitalização. Um estudante, ao ver um caderno antigo, expressou vontade de lecionar, lembrando que na creche onde estagiara não havia quadro. Já no grupo de catalogação, um estudante disse que não gostaria daquela função por achá-la monótona. Na avaliação final, alguns acharam a atividade cansativa, mas não difícil; outros queriam experimentar ambas as tarefas. Uma estudante notou que precisava refazer fotos ruins, e um dos ministrantes destacou

que só se aprende praticando. Por último, um participante agradeceu a experiência prática, mais eficaz que explicações teóricas, enquanto outro confessou não ter trazido documentos para a oficina por medo de perdê-los, mas mostrou interesse em contribuir em outro momento.

## Grupo D

12

Na última oficina, realizada nas dependências da Univates, com as(os) estudantes de licenciaturas, bolsistas do PIBID, os ministrantes se apresentaram e perguntaram aos participantes vinculados ao programa: *O que é um arquivo?* e surgiram respostas como documentos e pastas. Em seguida, com base na ideia de Philippe Artières sobre arquivar a própria vida, foi questionado: *Se pensássemos em uma gaveta do nosso quarto, o que guardamos lá dentro?* e as respostas incluem peças, um primeiro brinquedo, roupas e memórias. Depois, foi realizada outra pergunta: *E o que arquivaríamos da escola?* As(os) estudantes então responderam: trabalhos e provas, cartões das primeiras paixões da escola e primeiras colas. Ao discutir o arquivo e a materialidade das memórias, surgiram relatos como: *na minha época até cortávamos um pedaço de cabelo para guardar junto com os álbuns de foto.* Logo após, os participantes foram convidados a escrever sobre sua percepção de arquivo e, depois, compartilharam reflexões, como: *sou acumuladora e tenho dificuldade de me desfazer das coisas que produzi, guardei a foto de uma apresentação de teatro que foi uma das primeiras atividades que consegui concluir, me ajudou a perder a vergonha; deixei na minha memória apenas professores que tinham boas relações e um bom domínio de sala de aula, eles me ajudam a construir minha identidade como professora; eu gostava de observar todas as aldeias da minha sala, a dos inteligentes, a dos rebeldes e guardar essas memórias me ajudam a lidar com diferentes grupos; eu não guardo muito porque sou cigana, estou sempre me mudando, mas guardo tudo na memória; o processo de aprendizagem para mim sempre teve uma abordagem de estímulo-resposta; tenho hábito de guardar trabalhos que não fui tão bem, mas que tinham boas anotações.* Por fim, um dos ministrantes explicou o que era arquivo segundo Foucault enquanto outro apresentou o Projeto

Brocantes, e, no encerramento, os participantes foram convidados a manusear documentos físicos pertencentes ao projeto.

### **3.2 As palavras das(os) estudantes por meio das grades de leituras**

13 Durante as oficinas, as(os) estudantes foram provocados a escrever em uma folha de papel, um pequeno exercício de escrita, com base na pergunta: como você arquiva as suas memórias escolares? As escritas foram recolhidas junto a um termo de consentimento, assinado pelas(os) estudantes ou responsáveis (alguns estudantes do Ensino Médio eram menores de idade), para o uso desse material.

Dentro do total de 83 estudantes que participaram das oficinas, todos entregaram as escritas. Após a recolha desses materiais, iniciou-se um processo de trabalho com grades de leitura. Para a arquivista Arlette Farge (2009), após o processo de arquivamento de discursividades, inicia-se um primeiro trabalho de leitura do arquivo. Ao arquivar diferentes discursividades, emergem enunciados e como afirma Foucault (2008), os enunciados não são fixos, mas se dispersam, circulam, se modificam. Portanto, quando se trata de fazer um trabalho de leitura de arquivo é preciso que sejam mobilizados os processos de arquivamento do próprio arquivo e para isso, torna-se necessário confrontar diferentes formas de análise, as quais, segundo Farge (2009), podemos chamar de grades de leitura. As grades de leitura são impostas pelo próprio material, o que faz com que muitos retornos ao arquivo sejam necessários para que outras séries discursivas sejam nele encontradas. Nesse sentido, é preciso ler o arquivo muitas vezes, pois como afirma Farge (2009, p. 64), “o essencial nunca surge de imediato”.

Assim, as grades de leitura e de análise são construídas a partir de elementos constituintes no discurso, de modo que é preciso dispor os materiais. Essa disposição é o que Didi-Huberman vai chamar de ato de montagem - “re-disposição das coisas que nos faz vê-las como que pela primeira vez, mas ao mesmo tempo tem como efeito torná-las insólitas para nós. (Didi-Huberman, 2017, p.69). Para o autor (2017), não se mostra, não se expõe, senão por meio do dispor e, dispor as coisas, não é dispô-las em si mesmas, mas em suas diferenças, suas confrontações, seus conflitos.

“Precisamos montar o que não podemos ver para se possível dar a pensar as diferenças” (Didi-Huberman, 2020, p. 197).

Diante das grades de leituras construídas com as produções escritas das(os) estudantes, às dispomos em alguns tópicos, de modo que elas nos mostrassem aquilo que só era possível ver ao aproximá-las, constituindo algumas séries. Assim, para cada tópico, apenas elencou-se o que apareceu nas escritas das(os) estudantes, de forma sintética. Cabe destacar que tais discursividades estão despossuídas de significação prévia e seus enlaces são sempre provisórios, de modo que não há nenhum afã interpretativo. Sendo assim, o objetivo aqui é o de escrutinar as discursividades que despontaram nas grades de leituras das produções escritas, apenas reordenando o material disponível, segundo determinada intencionalidade.

Destaca-se abaixo alguns fragmentos de escritas das(os) estudantes, selecionados dos arranjos feitos a partir do material analítico.

<b>O arquivo para mim é:</b>
------------------------------

Documento - 8 estudantes do Grupo A; 1 estudante do Grupo B.
--

Informação - 5 estudantes do Grupo A;
---------------------------------------

Dado pessoal e fatos/relatos - 1 estudante do Grupo A; 1 estudante do Grupo B.
--

Armazenamento/guardar algo - 11 estudantes do Grupo A; 2 estudantes do Grupo B.
---

Pasta - 3 estudantes do Grupo A.
----------------------------------

<b>O que eu arquivo das minhas memórias escolares:</b>
--

Momentos/experiências/algo que marca - 5 estudantes do Grupo A; 1 estudante do Grupo B.
---

Fotos/fotografias - 3 estudantes do Grupo A; 1 estudante do Grupo B.
--

Documentos - 2 estudantes do Grupo B.
---------------------------------------

Memórias/lembranças/recordações - 7 estudantes do Grupo A.
--

[Coisas] importantes - 3 estudantes do Grupo A.
---

Objetos - 3 estudantes do Grupo A.
------------------------------------

<b>Por que arquivamos apenas algumas coisas?</b>
--

[Porque] seleciono o que é importante - 7 estudantes do Grupo A.
--

[Porque] seleciono o que é útil/necessário - 4 estudantes do Grupo A; 2 estudantes do Grupo B.
--

[Porque] seleciono o que é mais marcante - 2 estudantes do Grupo A; 1 estudante do Grupo B.
---

[Porque] seleciono o que quero lembrar (ou não) - 2 estudantes do Grupo A.
--

<b>Como eu arquivo as minhas memórias escolares?</b>
--

[Guardando] provas/avaliações/boletins - 5 estudantes do Grupo A; 1 estudante do Grupo B; 10 estudantes do Grupo C; 2 estudantes do Grupo D.
[Guardando] trabalhos/atividades/portfólio - 6 estudantes do Grupo A; 1 estudante do Grupo B; 13 estudantes do Grupo C; 6 estudantes do Grupo D.
[Guardando] cadernos/agendas - 5 estudantes do Grupo A; 10 estudantes do Grupo C; 4 estudantes do Grupo D.
[Guardando] documentos/xerox - 3 estudantes do Grupo A; 1 estudante do Grupo B; 5 estudantes do Grupo C; 1 estudante do Grupo D.
[Guardando] fotos/vídeos/drive/pendrive - 14 estudantes do Grupo A; 2 estudantes do Grupo B; 15 estudantes do Grupo C; 7 estudantes do Grupo D.
[Guardando] materiais confeccionados - 6 estudantes do Grupo C; 1 estudante do Grupo D.
[Guardando] objetos/lembrancinhas - 4 estudantes do Grupo A; 4 estudantes do Grupo C.
[Em] pastas/saquinhos - 3 estudantes do Grupo A; 12 estudantes do Grupo C.
[Em] caixas/potes - 5 estudantes do Grupo A; 18 estudantes do Grupo C; 2 estudantes do Grupo D.
[Em] armários/guarda-roupas/gavetas - 3 estudantes do Grupo A; 9 estudantes do Grupo C; 1 estudante do Grupo D.
[Guardando] memórias/lembranças - 7 estudantes do Grupo A; 1 estudante do Grupo B; 13 estudantes do Grupo C; 6 estudantes do Grupo D.
[São os] familiares [que] arquivam - 2 estudantes do Grupo A; 3 estudantes do Grupo C.
[Guardando] desenhos/figurinhas - 4 estudantes do Grupo C; 1 estudante do Grupo D.
[Guardando] cartas/cartões/bilhetes - 6 estudantes do Grupo C; 1 estudante do Grupo D.

É relevante destacar que nem todas as perguntas foram realizadas nos registros de todos os grupos, em razão da condução dinâmica das oficinas, caracterizada pela possibilidade de formulação de questionamentos de maneira oral e por meio de conversas livres. A única questão presente em todos os registros foi: *Como eu arquivo as minhas memórias escolares?*, considerada central para mostrar as formas utilizadas pelas(os) estudantes no armazenamento e preservação de documentos escolares.

### Considerações finais

As oficinas de arquivo desenvolvidas e vinculadas ao Projeto Brocantes possibilitaram não apenas aproximar as(os) estudantes da prática arquivística, mas também tensionar o próprio sentido do que significa arquivar. Longe de se restringir a uma ação meramente técnica de guardar ou armazenar documentos, arquivar emergiu, nas experiências analisadas, como um ato de seleção, permeado por subjetividades, escolhas e silêncios. As 83 produções escritas e os 7 registros de

diários de bordo coletados durante o processo mostraram que a memória escolar, ao ser arquivada, nunca é neutra, mas sempre fruto de critérios que definem o que merece permanecer e o que pode ser esquecido.

A partir da análise discursiva inspirada em Michel Foucault (2008) e dos apontamentos de Arlette Farge (2009), foi possível constatar que o arquivo, ao invés de ser apenas um repositório estático de vestígios, constitui-se como espaço dinâmico de produção de sentidos, no qual as regularidades e discontinuidades se entrecruzam. Nesse contexto, arquivar é também um gesto ético e político: ao selecionar determinados documentos, os sujeitos mostram não apenas suas lembranças, mas igualmente suas formas de compreender a escola, seus modos de narrar a si e suas estratégias de dar visibilidade ao vivido.

As escritas das(os) estudantes indicaram que as memórias escolares são preservadas em múltiplos suportes (provas, trabalhos, cadernos, fotos, objetos) e que a decisão de arquivar está fortemente relacionada à utilidade, à afetividade e à marca subjetiva deixada por determinados acontecimentos. Esse processo evidencia que o arquivo escolar não pode ser pensado como mera acumulação de papéis, mas como espaço de elaboração e reinvenção das experiências formativas, no qual o esquecimento também desempenha papel constitutivo.

Por fim, este artigo sustenta a ideia de que o ato de arquivar, compreendido para além de sua função instrumental, pode se tornar um potente exercício de subjetivação, rememoração e análise. Ao revisitar suas práticas de arquivamento, as(os) estudantes não apenas refletiram sobre suas próprias trajetórias, mas também foram instigados a pensar criticamente a função social do arquivo na educação. Nesse sentido, o Projeto Brocantes reafirma a potência dos documentos escolares como campo de investigação, de produção de narrativas e de resistência, no qual a memória deixa de ser apenas herança para tornar-se exercício vivo de reflexão e de criação no presente.

## Referências

AQUINO, Julio Groppa; VAL, Gisela Maria do. Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional. **Pedagogia y Saberes**, Bogotá, n. 49, p. 41-53, 2018.

Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/pys/n49/0121-2494-pys-49-00041.pdf>.  
Acesso em: 23 maio 2026.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Arquivos Pessoais. **Revista Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061>. Acesso em: 23 maio 2026.

DIDI-HUBERMAN. Georges. **Quando as imagens tomam posição: O olho da história I**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

DIDI-HUBERMAN. Georges. **Imagens apesar de tudo**. Trad. Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. São Paulo: Ed, 34, 2020.

MUNHOZ, Angélica Vier; WENDT, Lucas George; PRÁ, Ivan. Projeto Brocantes: A Produção de um Repositório Digital Público para a Pesquisa de Arquivo. **e-Mosaicos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 32, 2024. DOI: 10.12957/e-mosaicos.2024.85895. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/85895>. Acesso em: 23 maio 2026.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. Trad. Fátima Murad. São Paulo: Ed. USP, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

---

<sup>i</sup> **André Luiz Nogueira de Sousa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3022-4999>  
Universidade do Vale do Taquari

Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (Univates). Mestre em Gênero pela Universidad de los Andes. Licenciado em Letras e Teatro (UFC/IFCE) e integrante do Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço e Movimento (CNPq/Univates).

Contribuição de autoria: metodologia, investigação, curadoria de dados, análise, escrita – primeira redação, escrita – revisão e edição.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9270924456494308>

E-mail: [andre.sousa@universo.univates.br](mailto:andre.sousa@universo.univates.br)

<sup>ii</sup> **Angélica Vier Munhoz**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2644-043X>  
Universidade do Vale do Taquari

Doutora (2009) e Mestra (2003) em Educação pela UFRGS e pós-doutora pela USP. Pesquisadora do CNPq e Professora Titular da Univates. Atua no CHSA e no PPG em Ensino, liderando o grupo CEM (CNPq/Univates).

Contribuição de autoria: metodologia, investigação, coleta e curadoria de dados, análise, escrita – segunda redação, escrita – revisão, edição e supervisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4928481211980742>

E-mail: [angelicamunhoz@univates.br](mailto:angelicamunhoz@univates.br)

iii **Naiana Kamili Thiel Ramos**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6396-0558>

Universidade do Vale do Taquari

Estudante de graduação em Pedagogia na Universidade do Vale do Taquari (Univates). É bolsista de Iniciação Científica do projeto Brocantes: Palavras e coisas da escola (CNPq).

Contribuição de autoria: investigação, coleta, curadoria de dados e escrita – terceira redação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5234221987420241>

E-mail: [naiana.ramos@universo.univates.br](mailto:naiana.ramos@universo.univates.br)

iv **Naiane Vargas Nunes**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-7520-7065>

Universidade do Vale do Taquari

Estudante do Curso de Medicina na Universidade do Vale do Taquari (Univates). É bolsista de Iniciação Científica do projeto Brocantes: Palavras e coisas da escola (CNPq).

Contribuição de autoria: investigação, curadoria de dados e escrita – quarta redação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6086780932180644>

E-mail: [naiane.nunes@universo.univates.br](mailto:naiane.nunes@universo.univates.br)

v **Andressa Caroline Eckhardt**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2328-7387>

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

Estudante do Curso Normal (Magistério) pelo Colégio Estadual Presidente Castelo Branco. Foi bolsista de Iniciação Científica de Ensino Médio no projeto Brocantes: Palavras e coisas da escola (CNPq).

Contribuição de autoria: investigação, curadoria, análise de dados e escrita – quinta redação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4541110244122526>

E-mail: [eckhardtandressacaroline@gmail.com](mailto:eckhardtandressacaroline@gmail.com)

**Editora responsável:** Arlene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 07 de março de 2026.

Aceito em 25 de maio de 2026.

Publicado em 15 de junho de 2026.

### Como citar este artigo (ABNT):

SOUSA, André Luiz Nogueira de et al. Memórias escolares: uma proposta de oficinas de arquivo. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 7, n. 1, 2026.